

Os grandes finalistas

A SÁBADO foi às faculdades mais bem cotadas em Medicina, Direito, Arquitectura, Economia e Relações Internacionais e descobriu os melhores alunos de cada um destes cursos. Conheça os trajectos e os planos de cinco portugueses promissores. **Por Joana Stichini Vilela**

Contra todos os estereótipos, o melhor aluno do melhor curso da licenciatura mais procurada do País, Medicina, nunca fez uma melhoria de nota. Nem sequer no primeiro ano quando, entre tantos superlativos, teve um 11 à disciplina de Fisiologia. “Ainda pensei nisso, mas depois decidi, ‘não, não vou estragar o Verão a estudar’”, conta Patrício Aguiar, de 24 anos. O desaire não foi suficiente para lhe estragar a média. Licenciou-se com a classificação final de 17,45 valores. Há seis meses, e depois de um ano de

O melhor aluno de Medicina nunca fez melhorias de nota. Nem quando teve um 11

estudo intensivo, voltou a dar nas vistas: teve 97% no difícil exame de acesso à especialidade, a melhor nota a nível nacional. O segredo, diz, está na organização. E nem precisava de tanta. Quando em Novembro foi o primeiro de quase 900 licenciados a escolher a área, vai, para surpresa de muitos, optar por Medicina Interna, uma das mais exigentes e menos desejadas. “Acho que é a grande especialidade médica, a mais abrangente. Podem aparecer doentes com qualquer patologia.” É também uma das que implica mais horas de serviço no banco de urgências e uma relação mais próxima com as pessoas, justamente aquilo que o atrai. “Esforço-me por

despender algum do meu tempo com cada doente para perceber o que está a assustá-lo. O hospital já é um sítio suficientemente mau para se estar – a pessoa está internada e triste por isso – e nós podemos ajudá-la a sentir-se melhor.”

Natural da Ilha do Faial, este filho de professores do segundo ciclo sempre privilegiou o contacto humano. Foi por isso que aos 14 anos decidiu ser médico, em detrimento da biologia, da geologia ou da geografia, outras paixões. Hoje, nos tempos livres, prefere viajar, sobretudo pela Europa.

Ao resto do mundo chega através da literatura. Dostoiévski, Tolstói, García Márquez e Jorge Amado são algumas das preferências. O autor favorito, no entanto, é José Saramago e, em particular, a obra *Ensaio Sobre a Cegueira*.

“É excepcional na forma como aborda a condição humana e a importância da visão”, justifica. “Gosto de livros que reflectam sobre o ser humano.”

Até Dezembro, enquanto faz o internato do ano comum, Patrício gostaria de ir para S. Tomé e Príncipe com a namorada – também médica – fazer um estágio pela Assistência Médica Internacional (AMI). Depois de concluir a especialidade, não põe de parte a investigação, mas aquilo que lhe daria verdadeiro prazer seria mudar-se para uma cidade mais pequena, trabalhar num hospital público e, com verdadeira qualidade de vida, dedicar-se à família e aos amigos.

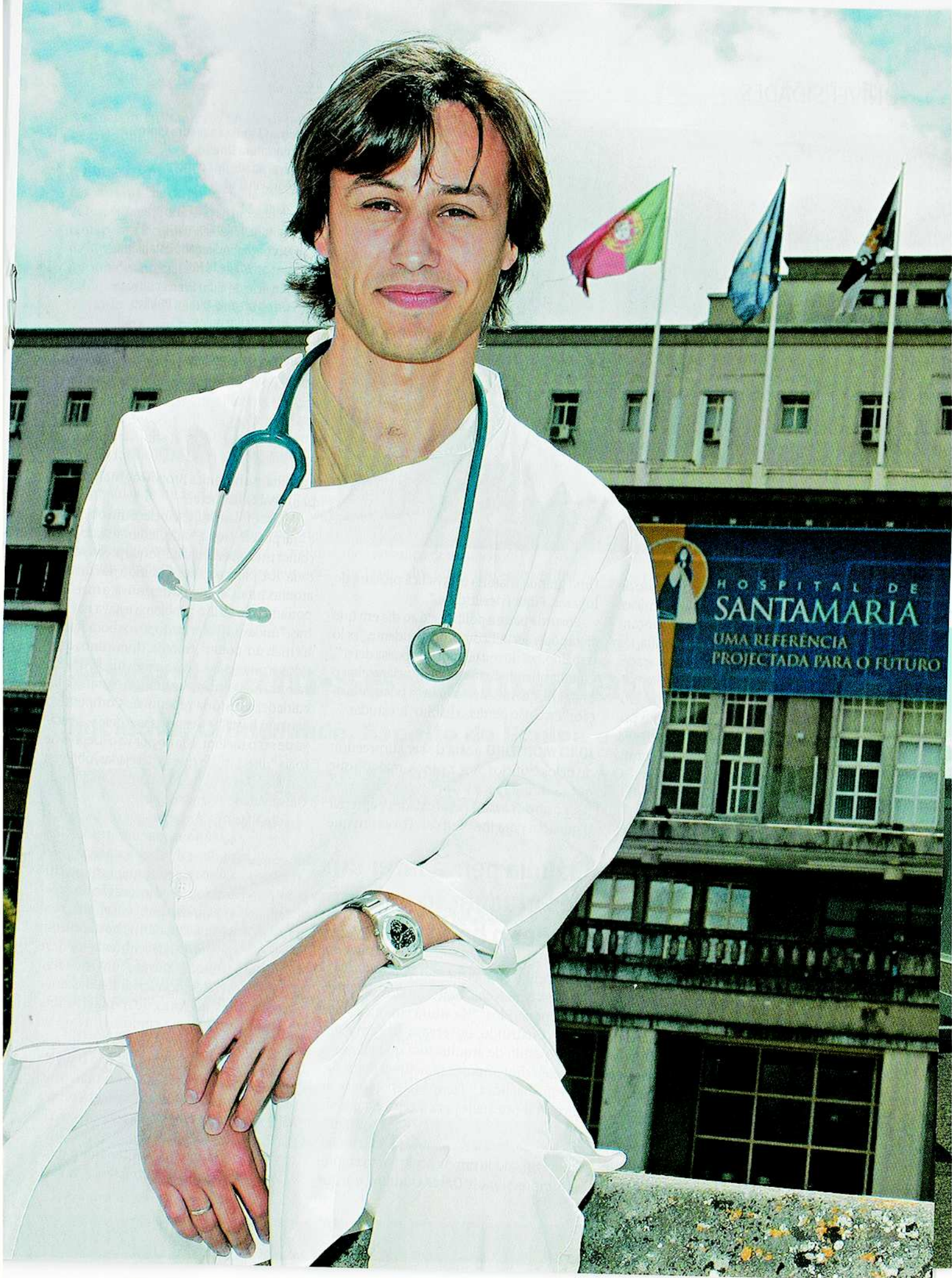
Nome **Patrício Aguiar**
Licenciatura **Medicina**
Universidade de Lisboa
Média Final **17,45**

- Idade: 24
- Naturalidade: Faial, Açores
- Ocupação: Interno do Ano Comum no Hospital de Santa Maria
- Projecto de vida: Trabalhar como internista num hospital público fora de Lisboa; dedicar-se à família
- Interesses: Viagens e literatura



CLÁUDIA SAAVEDRA PINTO, 24 anos, é uma mulher de fé. Deus dá-lhe certeza, diz. Foi por isso que no final do curso de Direito decidiu sair de Coimbra para fazer o estágio de admissão à Ordem dos Advogados em Lisboa, na prestigiada sociedade PLMJ. Já andava a ponderar a proposta há alguns dias, quando recebeu uma carta pelo correio. O remetente era anónimo, uma “amiga secreta” do grupo de jovens católicos que animava em Coimbra. “Falava de sonho, de acreditar, de arriscar. Foi esse o impulso: de certeza que vai correr bem.”

Aceitou a oferta de imediato. Significava abandonar por um mínimo de dois anos a ci- ▶





Nome **Cláudia Saavedra Pinto**
Licenciatura **Direito**
Universidade de Coimbra
Média Final **18**

- Idade: 24
- Naturalidade: Coimbra
- Ocupação: Advogada estagiária na sociedade PLMJ
- Projecto de vida: Exercer advocacia na área do Direito Público e Fiscal; dar aulas na Universidade
- Interesses: Política e religião



►dade onde tinha nascido, estudado e vivido de forma intensa todas as tradições académicas. Queima das Fitas, Latada, baile e chá dançante – não falhou um. Esteve numa tertúlia, fez “trupe” e, no último ano, no cortejo académico, até foi no carro do curso. “Tinha muito medo de me tornar naquela ideia de ‘croma’”, diz. “Por ser muito estudiosa, no primeiro dia da Queima tinha os resumos feitos. Acabava a Queima na sexta, no sábado dormia e domingo voltava a estudar. Certinho.” O método compensou. Acabou o curso com média de 17,4 valores, arredondada para 18 em votação do Conselho Científico. Sempre gostou de ter boas notas. Mais por uma questão de brio do que por querer ser a melhor. Os seus apontamentos, aliás, circulam à vontade entre os estudantes de Coimbra: “Há gente que não conheço que me vem agradecer: ‘estudei pelos teus resumos, foi muito fixe’.”

Concluía a licenciatura, já não quer ser uma Sherlock Holmes, como quando era miúda e ia para casa do avô, jurista, jogar xadrez e observar, fascinada, a biblioteca. O curso levou-a a áreas menos óbvias, como o Direito Público e o Direito Fiscal. Interessam-na sobretudo a justiça, a solidariedade e a igualdade de oportunidades. As mesmas razões que no 12.º ano do liceu a levaram a filiar-se numa juventude partidária e, dois anos depois, a sair, desencantada. “Eu via a política como vejo o Direito e a religião: com a ideia de fazer alguma coisa pelos outros.

Uma grande maioria estava lá à procura de lugares. Fiquei desiludida.”

Posta de parte a política até ao dia em que sinta poder ser útil, como independente, “pelo trabalho, mérito ou técnica que possa deter”, Cláudia quer dedicar-se à advocacia: acabar o estágio e, quem sabe, fazer uma pós-graduação. “Para não perder o hábito de estudar.”

JOÃO MONTEIRO gosta de ser surpreendido pelos edifícios. Aos 24 anos, mais do que os projectos que vêm nos livros e nas revistas, gosta de passear pelas cidades e apreciar o que têm para lhe oferecer. Foi assim que

Cláudia pensa fazer uma pós-graduação para não perder o hábito de estudar

descobriu o Hotel Olissipo, no Parque das Nações, em Lisboa, hoje, um dos seus edifícios preferidos. “Na altura em que estava a ser construído, observava-o. Tem a ver com o estilo de arquitectura que eu gosto de fazer: contemporânea, sem ser demasiado espalhafatosa.” Tempos depois, teve de encontrar um ateliê para fazer o estágio de admissão à Ordem dos Arquitectos e não pensou duas vezes – soube quem eram os autores, mandou um currículo para a empresa e impressionou. Desde Outubro, é lá que

trabalha, na britânica Broadway Malyan, em plena baixa lisboeta.

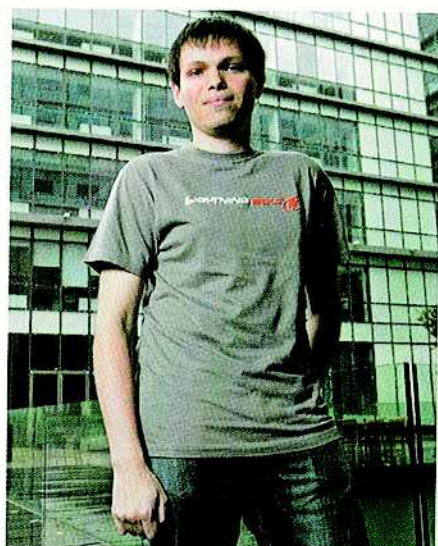
Sempre foi assim: estabelece um objectivo e luta por ele. No 12.º ano, lembra-se de fazer contas para saber de quanto é que precisava em cada disciplina para ser admitido no curso de arquitectura. Geometria descritiva, a mais importante, era fácil; o problema estava nas outras. “Andava a tentar em todos os bocadinhos ter mais um ponto”, recorda. Nunca tinha querido ser outra coisa. Acabou com média de 18,5 valores; mais um que o último a entrar. Na faculdade, a história repetiu-se. Competitivo “quanto baste” – a expressão é dele –, gostava de ser o melhor. E fazia por isso. Depois de mais “directas” do que as desejadas, obteve a classificação final de 16 valores, a melhor da Universidade Técnica de Lisboa.

Este alfacinha de gema sabe que a dedicação é a sua grande virtude. Gosta de trabalhar e desenvolver ideias. Acredita que a arquitectura é sobretudo a criação de espaços funcionais, concebidos para serem vividos e percorridos com prazer. “O desenho não se deve sobrepor à pessoa”, afirma, convicto. Sem um ídolo ou referência absoluta, destaca a Casa das Artes, no Porto, do Arquitecto Souto Moura, pela forma como se integra no parque que a envolve. Contido e realista, se tem um sonho para o futuro, não o revela. Mas, para já, tem um desejo: ser mais disciplinado para trabalhar em casa em projectos pessoais. Terminado o estágio, está disposto a ir aonde a arquitectura o levar, mesmo até ao estrangeiro. Admite que é difícil fazer planos com esta profissão. “Às vezes

são mais interessantes os projectos que surgem do que aqueles que se idealiza.”

O AR DESCONTRAÍDO de Tiago Pires, 23 anos, contraria a ideia do economista certinho. Às vezes, os pais ainda lhe perguntam se vai de ténis para a faculdade, sobretudo agora que dá lá aulas. A verdade, explica, é que o traje informal é apreciado na vida académica. Até ao último ano do curso, Tiago nunca tinha pensado em ser assistente. Quanto mais olhava para a mãe, professora primária, mais acreditava que para ensinar era preciso um dom que ele não tinha. Candidatou-se a algumas posições de consultoria e foram os próprios recrutadores que lhe sugeriram que talvez tivesse um perfil mais próximo da universidade. Ainda resistiu, mas a ideia foi tomando forma e, encorajado pelos amigos, decidiu arriscar.

Dar aulas práticas de Microeconomia a quatro turmas do segundo ano foi a prova de fogo. Felizmente, três anos antes, tinha feito a disciplina com a nota máxima, 20 valores. Surpreendido, diz que gostou muito de



dar aulas: “Continuo a achar que não tenho muito jeito. Tento é compensar com trabalho.” Nem todos são da mesma opinião. De acordo com um colega assistente, ele é um dos favoritos dos alunos.

Tiago admite que não era nada disto que

Nome **João Monteiro**
Licenciatura **Arquitetura**
Universidade Técnica de Lisboa
Média Final **16**

- Idade: 24
- Naturalidade: Lisboa
- Ocupação: Estagiário do ateliê Broadway Malyan
- Projecto de vida: Viver o dia-a-dia
- Interesses: Música, filmes de acção e de aventuras



imaginava quando aos 8 anos, fascinado pelos câmbios das moedas e pelo programa de televisão *Financial Times*, desistiu do sonho de ser veterinário na selva. Ainda assim, gostou do que encontrou. Tanto que foi o melhor do seu ano, com média final de 18 ▶

► valores. Neste momento, é doutorando em Economia na Universidade Nova de Lisboa e está a candidatar-se a várias universidades norte-americanas. “Não é tanto pela qualidade do que se aprende, é mais pelo que nos espera no futuro.”

Gostava de se dedicar à Econometria, área que tenta quantificar as relações económicas. “Tem uma vertente muito prática. Noutras áreas, muitas vezes penso que não estou a fazer nada de produtivo.” Uma das aplicações mais comuns é na economia do trabalho: ver como é que o aumento de salário afecta o número de horas de actividade. “Há uns tempos um estudo tentou determinar quem ia ganhar os jogos de futebol com base no número de cartões amarelos que tinha levado ao longo da época”, conta, divertido. É um tema que lhe é querido.

O economista já não é “doente”, mas ainda diz ter uma paixão pelo Benfica. Com lugar cativo na Luz há quatro anos, cada jogo em casa é motivo de jantarada com os amigos. Se conseguir ir para os EUA, quebra-se a tradição. Um objecto terá, com certeza, lugar assegurado na bagagem: o cachecol dos encarnados.

APESAR DE VIVER na pequena aldeia de Carreiras, ao pé de Portalegre, Rosa Mimoso nunca teve sotaque alentejano. Sempre se perdeu nos mundos paralelos da literatura e, aos 18 anos, quando chegou a altura de concorrer ao Ensino Superior, abandonadas as ideias de “protectora dos animais, jornalista e advogada”, lá se decidiu pelo curso que a levaria, literalmente, mais longe: Relações Inter-



PEDRO ZENK / AGÊNCIA ZÉRO

Nome **Rosa Mimoso**
Licenciatura **Relações Internacionais**
Universidade Técnica de Lisboa
Média Final **16**

- Idade: 22
- Naturalidade: Carreiras, Portalegre
- Ocupação: Assessora na Câmara de Comércio Luso-Espanhola
- Projecto de vida: Criar uma empresa de energias renováveis
- Interesses: Ambiente e leitura



nacionais. Queria ser diplomata.

Capacidade de adaptação não lhe faltava. Gostou logo de Lisboa, sobretudo do facto de ninguém a conhecer. Teve sempre boas no-

Rosa deixou a diplomacia pelo caminho e apostou na vertente empresarial

tas, apesar de só estudar alguns dias antes das frequências. E mal soube que o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) atribuíra bolsas de mérito, aplicou-se e ganhou uma. Só não fez o Programa Erasmus; não que lhe faltasse vontade de estudar fora de

Portugal, mas por folga económica. Compensou com uma viagem a Barcelona paga com parte da bolsa. O grosso do dinheiro investiu-o num computador portátil. Quando se licenciou, voltou a distinguir-se, desta feita com o prémio para melhor aluna do curso: 2500 euros gastos em móveis para a casa nova.

Em quatro anos, muita água passou debaixo da ponte. A diplomacia (uma ideia “muito bonita para quem é solteiro”) ficou pelo caminho. Rosa optou pela família, apostou na vertente empresarial do curso e até já pensa fazer um MBA no estrangeiro. Hoje, é assessora de comércio externo da Câmara de Comércio Luso-Espanhola, onde estagiou e, ao terceiro convite, ficou. Dá apoio às empresas portuguesas que exportem ou pretendam expandir-se para Espanha, e às espanholas que se tenham instalado cá.

Das velhas paixões, mantém-se a leitura. Ainda no outro dia, à hora do almoço, comprou *Travessuras da Menina Má*, de Mário Vargas Llosa, e não descansou enquanto não lhe conheceu o fim, seis horas depois. Nada de anormal, para quem se diz viciada em devorar tudo, menos livros esotéricos.

Entretanto, vai pensando no projecto que um dia gostaria de concretizar: uma empresa de energias renováveis na zona de Portalegre. “Lá está a minha veia ambiental”, explica. A tese de final de curso (*A reconversão do Sistema Electroprodutor Português*) foi o primeiro passo. Agora, faltam os outros: adquirir experiência e o capital suficiente para reunir peritos. ■



PEDRO ZENK / AGÊNCIA ZÉRO

Nome **Tiago Pires**
Licenciatura **Economia**
Universidade Nova de Lisboa
Média Final **18**

- Idade: 23
- Naturalidade: Amadora
- Ocupação: Assistente e doutorando na Faculdade de Economia, UNL
- Projecto de vida: Doutoramento nos EUA; carreira académica
- Interesses: Desporto (é fã do Benfica)



